

Os cativos de Satanás estão queimando a Bíblia

Ellen White endossou os apócrifos em 1849?

Matthew J. Korpman

Resumo

Os comentários de Ellen White sobre “o Livro Oculto” ou “Apócrifos” criaram um interesse crescente entre os historiadores adventistas. Com a divulgação pública de um novo documento em 2014 (Manuscrito 5, 1849) que revelou que White não apenas recomendou o “Livro Oculto”, mas o chamou de “tua Palavra” e “a Palavra de Deus”, foi criada uma necessidade para uma explicação de suas primeiras observações. Isto foi ainda mais complicado pelo facto de o próprio documento estar repleto de erros ortográficos. Neste artigo, procura-se fornecer uma reconstrução textual das duas passagens relativas aos Apócrifos, oferecendo emendas adicionais àquelas que o White Estate já forneceu. Ao fazê-lo, também oferecerei uma análise detalhada do trabalho, explorando o contexto histórico por trás dos seus comentários sobre os Apócrifos terem sido “queimados” e “expulsos”, particularmente a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e os seus apoiantes que apelaram à destruição e, segundo alguns relatos, até mesmo à queima dos Apócrifos. Argumentar-se-á que a declaração final de Ellen White nestes dois parágrafos é melhor entendida como tendo advertido que qualquer tentativa de remover os Apócrifos acabaria por levar à expulsão de todo o cânon das Escrituras, lançando luz sobre a sua advertência posterior no Manuscrito 4, 1850.

Entre as declarações feitas por Ellen White que mais confundiram os historiadores adventistas estão aquelas que ela fez em referência às obras dos Apócrifos, ou o “Livro Oculto”, como alguns adventistas se referiam exclusivamente a ele. No entanto, ironicamente, estas declarações têm recebido pouca atenção e interesse, com

apenas um punhado de estudiosos já abordou ou explorou o assunto.¹ Em não mais do que três ocasiões ela falou diretamente sobre o assunto e em apenas dois casos suas palavras foram realmente registradas. Ambos se revelaram desanimadoramente enigmáticos para compreender e complicar ainda mais as coisas. Cada relato só foi publicado nos últimos quarenta anos, bem mais de cem anos depois de terem sido originalmente escritos. Para aumentar o mistério, reconhece-se que a jovem Ellen Harmon fez alusão o e/ou citou duas dessas obras apócrifas oito ou mais vezes em duas cartas antigas, uma das quais era um relato publicado de suas primeiras visões.² Além disso, estudos adicionais mostraram que ela continuou a citar e aludir aos apócrifos ao longo de sua vida, demonstrando uma prática consistente que não cessou até perto de sua morte.³

Embora os seus comentários do Manuscrito 4, 1850 tenham recebido o foco de uma série de estudos anteriores, nenhuma atenção acadêmica foi dada ao Manuscrito 5, 1849 anterior e aos seus comentários enigmáticos. Como observou Roland Karlman, “houve poucos comentários publicados sobre [isso]” (Karlman 2014, 183). Na verdade, antes da anotação de Karlman, houve literalmente *never* um reconhecimento público da existência do documento. No entanto, o fato de isso ser conhecido anteriormente no White Estate parece igualmente verdadeiro. William White parece expressar conhecimento da transcrição e comenta-a em 1911 numa carta privada (White William 1911).⁴ Ronald Graybill refere-se diretamente a ela em 1984 numa carta privada. Pouco antes de R. W. Olson divulgar publicamente os comentários de Ellen White no Manuscrito 4, 1850 e no texto que o acompanha.

¹ These five scholars are: Ronald Graybill, Denis Fortin, Donald Casebolt, Laurence A. Turner, and Matthew J. Korpman. For a full list of all scholarly journal articles and dictionary entries dealing with this topic, see the following: Korpman 2025b; 2025a; 2024b; 2023; Turner 2023; Korpman 2022a; 2022b; 2021; 2020b; 2020a; 2018; Casebolt 2018; Fortin 2013; 2002; Graybill 1987. One might also add Roland Karlman (2014) to the list for his brief annotations on the material. Additionally, others have attempted to add their voices to the conversation, even when they lack scholarly training or methodology. See Paulson 2022. While there is much to disagree with Paulson with regard to both his claims and methodology, I will make reference to several of his comments throughout this paper, since he remains the only conversation partner to date.

² For a full study of this specific claim and its associated evidence, see Korpman 2020b; Fortin 2002; Graybill 1987.

³ See Korpman 2020b, 2020a.

⁴ For full discussion of this newly discovered letter by William White, see my discussion in Korpman 2024c.

declaração de Arthur White em 1985, Ronald Graybill escreveu uma carta a Ron Joliffe em 1984 mencionando nominalmente o documento que não seria divulgado até 2014.

Graybill escreveu a Joliffe que “Você também deve solicitar ao White Estate Manuscript 5, 1849, retirado do Livro de Registros 2, pp. 45 a 46. Este documento registra palavras proferidas por Ellen White durante uma visão em 23 de setembro de 1849” (Graybill 1984). Curiosamente, Graybill nunca mencionou ou mesmo aludiu a este documento no seu artigo posterior de 1987, e o White Estate só divulgou o Manuscrito 4, 1850 a pedido de Joliffe.⁵ No entanto, quando questionado sobre o porquê durante uma entrevista no YouTube sobre o tema, Graybill admitiu que não foi por qualquer razão específica, pelo menos até onde ele se lembrava. Ele disse que simplesmente não tinha certeza de qual valor considerá-lo, uma possibilidade igualmente verdadeira talvez para Arthur White, que nunca o mencionou, apesar de ser um dos primeiros documentos atribuídos a Ellen White.⁶ Denis Fortin, na mesma entrevista, também revelou que ele nem mesmo foi informado da existência deste manuscrito quando lhe foi designado o tópico para pesquisa em 1998, e duvidava que aqueles que o designaram também estivessem cientes (Fortin 2021).

Em suma, o Manuscrito 5, 1849, recebeu pouca atenção que merece, seja por parte do White Estate ou de historiadores adventistas. Até esta data, o White Estate nunca atualizou a declaração preparada por Arthur White para incluir o reconhecimento do manuscrito adicional ou mesmo da investigação mais recente (incluindo os estudos iniciais de Graybill e Fortin) que foi publicada desde a declaração inicial de Arthur White. Além disso, devido ao facto de este documento estar a circular online para diversos objectivos ideológicos por vários grupos, cabe aos historiadores adventistas fornecer uma análise historicamente sólida deste trabalho. E, além disso, tentar situá-lo dentro de seu contexto histórico, bem como investigar como ele se conecta com os comentários que ela fez logo depois no Manuscrito 4, 1850, datado apenas alguns meses depois.

⁵ It is not known if they privately shared the other document to Joliffe but if they did, it can presumed that they did not permit its public release.

⁶ “Korpman: ‘In a conversation that I had with you, you kind of alluded to the fact that it just wasn’t valued. It was just assumed too questionable, too odd. It just wasn’t given the same kind of value as the assumption was for the 1850 manuscript. Am I correct?’ Graybill: ‘Yeah.’” Graybill and Korpman 2021.

Um dos principais obstáculos à realização desta tarefa é o facto de este documento e transcrição da visão de Ellen White estarem repletos de erros ortográficos, como implicitamente reconhecido pelo facto de o Espólio White ter fornecido numerosas sugestões de emendas textuais ao texto. No entanto, estas são apenas as emendas mínimas que o Espólio presumiu necessárias para publicação e a possibilidade de necessidade de mais correcções não foi removida. Particularmente na seção do manuscrito que trata da questão dos Apócrifos, há uma série de declarações feitas que causam confusão em seu estado textual atual.

Neste artigo, proporei emendas textuais adicionais a esta passagem do Manuscrito 5, 1849. Proporei estas emendas com base na consistência interna, na consistência com o Manuscrito 4, 1850 e, finalmente, tendo em consideração o contexto histórico em que estas declarações foram feitas. Em vez de Ellen White afirmar que “uma parte do livro oculto está queimada”, será sugerido que ela realmente disse que “uma parte [del e], do livro oculto [,] está queimada”. Além disso, em vez de ela concluir com uma exortação para “deixar tudo ser expulso”, a afirmação, raciocina-se, deveria ser corrigida para “deixar que tudo seja expulso”. As consequências destas emendas, será argumentado, é que a visão de White ganha consistência com a sua declaração posterior e torna-se historicamente fundamentada nos receios que surgiram após a decisão da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em 1827 de remover os Apócrifos das Bíblias recentemente impressas.

No entanto, deve notar-se que, embora estas emendas proporcionem maior clareza e poder explicativo sobre como situar a visão de White, um objectivo deste artigo, elas não afectam a visão em si e o que a tornou tão controversa. Mesmo sem quaisquer emendas, a transcrição afirma abertamente que o Livro Oculto (os Apócrifos) é a “Palavra de Deus” e “tua Palavra”. Também regista explicitamente Ellen White implorando àqueles ao seu redor que eles precisassem “amarrar” os Apócrifos aos seus corações e não permitir que suas páginas fossem fechadas. Esses elementos da visão que continuaram a confundir os estudiosos não são afetados pelas emendas e constituem os fatos básicos que cercam o manuscrito. O que torna o manuscrito enigmático é *not* se ele a firma essas coisas, mas como explicar por que faz isso. Como tal, estas emendas propostas são empreendidas com o propósito de melhor situar como estes comentários deveriam ser interpretados à luz do nosso conhecimento atual sobre o que Ellen White acreditava sobre estas questões.

1. Uma visão não publicada: texto e comentários

Entre 2014–2015, o Patrimônio de Ellen G. White empreendeu um movimento ousado e tornou públicos todos os materiais escritos anteriormente inéditos de Ellen White (*Adventist Today News Team* 2015). Estes foram lançados on-line e também impressos, parcialmente publicados em um comentário marcante e pioneiro sobre os primeiros trabalhos de Ellen White (ver Karlman 2014). Entre esses lançamentos estava um manuscrito/transcrição anteriormente não divulgado de uma visão de White durante seus primeiros anos em 1849, uma visão na qual ela mencionou os “Apócrifos” ou “Livro Oculto”. No entanto, a impressão pública do Patrimônio White desde 1985 foi que não existiam quaisquer outros documentos (além da visão de 1850) que pudessem lançar luz sobre a questão das opiniões de Ellen White sobre os Apócrifos.⁷ Como tal, a publicação deste novo documento representou um grande desenvolvimento no estudo da relação de Ellen White com os Apócrifos.

Devido ao fato de que muitos não estão familiarizados com esta obra e à necessidade de emendas textuais, a passagem referente aos Apócrifos é apresentada na íntegra abaixo, juntamente com comentários nas notas de rodapé sobre sugestões específicas de correções. Vários erros ortográficos e correções são propostos por mim e pelo White Estate que o lançou originalmente, indicados entre colchetes []. Quando a correção não parece autoexplicativa, uma nota de rodapé explica o raciocínio por trás da correção e se a sua fonte reside na minha reconstrução particular ou no Patrimônio White. Os comentários entre parênteses () são originais do transcritor. Algumas partes do texto foram colocadas em *itálico* e em **negrito** por mim para dar ênfase. Finalmente, revisei o documento original manuscrito no Vault no White Estate e corriji a grafia de certas palavras na passagem. Atualmente, a forma do texto apresentada abaixo é mais precisa do que qualquer outra transcrição disponível e tentou reter os mínimos detalhes (ortografia e pontuação) da versão original manuscrita.

(Pegando a Bíblia grande que contém a apocrafia:) *Pure and unde- filed*, uma parte dela é consumida, *holy*, santo, ande com cuidado, tentado. *The word of God*, pegue-o (Marion Stowell), amarre-o por muito tempo em seu coração,

⁷ Arthur White wrote that “there is some documentation of the early years which may be of interest” and listed a number of sources for discussion on the topic. The impression is that there was nothing else beside these documents to discuss.

pure and unadulterated, Que lindo *lovely*, Que lindo, Que lindo. Meu sangue, meu sangue, meu sangue. Ó filhos da desobediência, reprovados, reprovados. *Thy word*, tua palavra, tua palavra, uma parte dela é queimada sem a adulteração, uma parte dela,]⁸ *the hidden book*, uma parte dela é queimada (a apocrafia).⁹

⁸ *a part of [it,] the hidden book, a part of it is burned (the apocrypha)*. The original statement that is handwritten, “a part of the hidden book,” is quite odd. It is possible, given the large amount of spelling errors in the document and the fact that it’s a transcription, that the statement quoted here was possibly miss-transcribed, since it doesn’t agree (at least obviously) with the rest of the statements in that vision (she elsewhere states in the same vision that the Hidden Book is the Apocrypha which was removed and burned *from* the Bible, thus indicating that the *entire* Apocrypha was burned and not simply a part of it). It’s plausible, therefore, that White actually may have simply said: “a part of [it,] the hidden book, a part of it is burned.” This simple change would make far more sense and would then agree with her other statements, making the “it” refer to the Bible she was holding (as she speaks elsewhere in the same vision). It would also be easy to see how the transcriber may have missed the “it” and not providing the comma, given us the sentence as we have it.

⁹ *the apochraphy... (the apocraphy)*. The original handwritten transcript evidences two different spellings of the plural form of “apocrypha.” The term “apocrypha” in the singular is never mentioned, contrary to the official current transcription hosted online by the White Estate. While it is clear that the term “the apocraphy” is the same functionally as “the Apocrypha,” noticing the spelling difference helps to elucidate something important: the transcriber is not limiting Ellen White’s words only to a single book amongst the Apocrypha. The “hidden book” (a singular title) refers to “apocraphy” (a plurality), indicating that the *entire collection* of the King James Bible is being considered.

Aqueles que tratem mal[t]¹⁰ aquele remanescente¹¹ wodel¹² pensariam que estão prestando serviço a Deus. Por que? porque eles são levados cativos por Satanás à sua vontade, [the]¹³ *Hidden book*, é expulso. *Bind it to the heart (4 times)* Amarre, amarre, amarre, (colocando a Bíblia em Oswald Stowell) *let not its pages be closed read it carefully*. armadilhas serão colocadas por todos os lados, pegue *the strait truth* amarre-o ao coração (3 vezes) Deixe[s]¹⁴ tudo ser expulso (White 1849).

¹⁰ *Those that shall spitefully trea[t] that remnant*. This was a suggested spelling correction by the White Estate and the context could certainly be seen to support it. It should be noted however that it is possible to make sense of the original record of “tread,” since it connotes disrespect. While the correction to “tre[a[t]” seems more grammatically correct, it is also the case that “tread” is used in similar ways within the King James Bible that influenced Ellen White. In either case, whether it is “tread” or “treat,” the meaning remains the same in both uses. However, when one examines the original handwritten document, it turns out that perhaps both options are right. The original handwritten word includes a cursive *d* that has a crossed *t* at the top. It appears, as such, that the original transcriber originally wrote the letter *d* and then tried to correct their mistake by adding a line at the top to transform it into a *t*.

¹¹ “Remanescente”, como palavra aqui, é usada como uma descrição dos Apócrifos. Este é o significado natural da palavra “remanescente” neste contexto. Não sou o único a ver isto, pois o White Estate também publicou a sua crença de que também lhes parecia ser uma referência aos Apócrifos.

¹² O documento original manuscrito tem esta palavra incompleta riscada. Parece que o transcritor escreveu um mal “iria” e rapidamente riscou e continuou a escrever. Isto é parte da evidência que sugere que o documento manuscrito é a transcrição original feita enquanto Ellen White falava, em vez de uma declaração de memória posterior. Esta não era uma cópia de uma transcrição anterior (ou então teria sido removida) nem era uma declaração de memória posterior escrita para a posteridade. Esta é uma transcrição original das palavras de White conforme ela as transmitiu.

¹³ [O] Livro Oculto, *it is cast out*. Em nenhum outro lugar Ellen White se refere ao “Livro Oculto”, mas sempre pelo título completo “O Livro Oculto”. Isso sugere que o transcritor perdeu a palavra inicial. No entanto, ainda é sempre possível que esta tenha sido a única ocasião em que White se referiu a isso de forma taquigráfica. Em ambos os casos, o documento manuscrito original mostra que o transcritor colocou uma vírgula, e não um ponto final, antes do termo “Livro oculto” em maiúscula, o que sugere que ele viu a palavra como um título.

¹⁴ *bind it to the heart (3 times) Le[s]t everything be cast out*. Conforme explorado posteriormente na análise mais ampla, acredito que “let” é outro erro ortográfico, faltando um *s* para torná-lo “para que não”. Esta é a única explicação que salva o sentido e a coesão dos dois parágrafos e a mensagem que pretendiam transmitir. Seria absurdo e absurdo que a frase final fosse “deixar tudo (incluindo a Bíblia) ser expulso”,¹⁴ como também observou o ex-pastor Kevin Paulson no seu blog. Paulson, “Ellen White, Escrituras e os Apócrifos”. Todas as implicações e argumentos para esta mudança

2. É confiável?

Este documento registra os comentários de Ellen White feitos durante a visão, transcritos por um membro anônimo da pequena reunião da qual White fazia parte. Alguns podem estar propensos a questionar a confiabilidade da transcrição de 1849 devido ao fato de não ser um manuscrito nativo pertencente a Ellen White,¹⁵ como o próprio Graybill insinuou ser seu próprio raciocínio para ignorá-lo inicialmente.¹⁶ Pode-se perguntar se reflete com precisão a verdade do que White disse naquela noite no Maine. Apesar das reservas anteriores à sua eventual publicação, o White Estate não demonstrou qualquer preocupação sobre a sua autenticidade desde 2013 e, pelo contrário, aumentou as nossas suposições sobre a sua autenticidade.

Karlman, em suas anotações fornecidas com o lançamento do documento, simplesmente observou que “este manuscrito é outro raro exemplo de um relato de palavras reais proferidas por Ellen White em visão pública” (Karlman 2014, 181). Alberto Timm também parece concordar que as transcrições de Ellen White são implicitamente confiáveis (Timm 2013, 10).¹⁷ E algumas dissertações e artigos recentes sobre Ellen White trataram essas transcrições como registros precisos e exatos das palavras de Ellen White.¹⁸

Karlman também esclarece em suas anotações às visões que devemos entender tais documentos como *transcriptions* das palavras faladas (Karlman 2014, 177).¹⁹ Não devemos então presumir que esta é uma declaração de memória posterior ou que é baseada principalmente nas declarações de memória de outros, em vez de um relato de testemunha ocular. Não parece haver razão para duvidar que o texto manuscrito

will be explored later in this article. (Alternatively, perhaps one could argue she means let everything be cast out of the heart so that there is room to bind the apocrypha there, but this meaning seems contrived and does not seem to be a better answer than the proposed emendation).

¹⁵ Tim Poirier’s description of the similar Manuscript 6, 1849 is applicable here: “in one account of an early vision, Ellen White reportedly said...” Poirier 2008, 21.

¹⁶ See Dixon 2021.

¹⁷ While Timm was referring specifically to Manuscript 6, 1849, his logic for doing so would naturally apply to its sister-manuscript Manuscript 5, 1849. In fact, as shown later in this article, we have more reason to trust Manuscript 5 than we do Manuscript 6.

¹⁸ See the work of Peruvian scholars Cristian S. Gonzales and Cid Gouveia, who both treat Manuscript 6, 1849 (and Manuscript 5) as a precise transcription of Ellen White’s comments, never referencing any cautions about the trustworthiness of these manuscripts. Gonzales 2021, 45–69; Gouveia 2019.

¹⁹ This is followed by Kevin Morgan as well. See Morgan 2023.

a transcrição foi escrita na época em que Ellen White falou em visão.²⁰ Conforme Karlman explica o valor de tais documentos:

Tais relatórios fornecem informações valiosas sobre os fenômenos das próprias visões e, por vezes, incluem informações sobre movimentos, gestos e expressões faciais, etc. No entanto, no que diz respeito a transmitir informações sobre o conteúdo factual da visão, estes relatórios são limitados no que podem fornecer. Não só a precisão da transcrição do gravador não é garantida, mas o carácter intermitente das declarações significa que muitas vezes não há conteúdo suficiente disponível para tornar claro o significado das declarações individuais ou para compreender a estrutura geral da visão (Karlman 2014, 177).

20 Em outro raro exemplo de uma visão transcrita semelhante, por volta do mesmo período de tempo (Manuscrito 6, 1849), um transcritor anônimo registra no final da visão uma anotação sobre o que outra testemunha durante a visão afirmou ter visto. A passagem é reproduzida abaixo, com o comentário de Ellen White na visão “Eu vejo” seguido pela notação do transcritor.

Eu vejo isso. (Diz o irmão Chamberlain: Aqui houve silêncio por cerca de dez minutos, seus olhos indo rapidamente em cada direção, como se olhassem para anjos. Quando ela saiu da visão, ela contou assim: “Eu vi um grande grupo de anjos se movendo. Não me foi permitido contar o que eles me disseram. Cada um deles tinha uma vara redonda na mão de vinte centímetros de comprimento. Acho que eles tinham algo a ver com o tempo de angústia, etc.). Manuscrito 6, 1849.

Neste diferente manuscrito, fica claro que o que temos é um *memory statement* sendo fornecido com a fonte da memória identificada. Isso sugere que a transcrição original, antes de ser editada na forma final do manuscrito, carecia de qualquer notação e continha apenas as palavras “Eu vejo”. Isto foi claramente insatisfatório e o editor decidiu que era necessário haver mais clareza sobre aquele momento. Isto sugere que a transcrição inicial foi de fato escrita enquanto Ellen White falava em visão. A confirmação disto pode ser vista no original manuscrito do Manuscrito 6 (localizado no Pacific Union College), onde a declaração de memória está localizada na parte inferior da página 2. Parece, com base na caligrafia semelhante, que o transcritor original voltou ao documento e adicionou a declaração de memória nas últimas duas linhas de espaço em branco disponíveis após “Eu vejo”. A página seguinte, no início da página 3, começa com “Eu vi um grande grupo de anjos se movendo”, sugerindo que no rascunho original alguém teria mudado de “Eu vejo” diretamente para “Eu vi um grande grupo”. Por outras palavras, o Manuscrito 6 não parece ser um rascunho editado, copiado de um documento original anterior, mas o original com material adicional adicionado para explicar as coisas. Veja as notas de rodapé 26 a 33 para uma discussão mais aprofundada.

Na verdade, uma comparação aproximada do Manuscrito 5, 1849, com outros exemplos de transcrições das visões de Ellen White parece demonstrar a sua forte exatidão. Quando comparado com sua transcrição irmã (Manuscrito 6, 1849), pode-se notar que o outro transcritor era muito mais especulativo e incerto sobre suas anotações.²¹ Há pelo menos dois estágios perceptíveis de edição²² no Manuscrito 6 e quando comparado, o Manuscrito 5, 1849 parece ter sido concluído mais perto do momento da visão do que o outro manuscrito.

Em contraste com o Manuscrito 5, o transcritor/editor do Manuscrito 6, 1849, não foi tão preciso. Embora a transcrição em si possa manter a exatidão, sua decisão de admitir incerteza sobre suas próprias correções sugere que Ellen White nunca foi consultada posteriormente sobre isso. Isto significa que qualquer comentário entre colchetes ou parênteses sobre o significado é potencialmente especulação do transcritor e não esclarecimento posterior de White. Isto também é sugerido pelo fato de que o documento inclui uma declaração de memória formalizada e citada

²¹ Two unique differences between the two manuscripts is that Manuscript 6, 1849 contains the only explicit memory statement provided by another witness' testimony and on another occasion fills in a lacuna with the note "I suppose," showing the uncertainty the transcriber felt about emending the text. It is this latter statement that is perhaps most enlightening.

Mensageiros rápidos do Deus Todo-Poderoso, não retenham [os meios, suponho]. Acele-
re os mensageiros, acelere os mensageiros; ainda repetido, acelere os mensageiros.
Último trabalho.

A afirmação "Suponho" é única por expressar incerteza, mas também por ser um comentário entre colchetes, não entre parênteses. Na análise de Karlman, é provável que quem preencheu os colchetes também tenha escrito a transcrição original do Manuscrito 6. Ver Karlman 2014, 177. Se assim for, talvez indique que White fez uma pausa longa o suficiente para que o transcritor imaginasse o que estava faltando em seu final abrupto. Os colchetes, neste caso, distinguem o comentário dos demais parênteses. No documento manuscrito, o transcritor só usa colchetes no Manuscrito 6 para comentários especulativos e detalhes que não são visuais, como a identificação de uma pessoa com quem se fala ou uma declaração de memória. Outros comentários esclarecedores, apresentados como oficiais, são incluídos entre parênteses.

²² O que parece claro é que houve pelo menos duas fases na criação deste documento (referindo-se ao Manuscrito 6, 1849): a primeira fase envolveu uma transcrição das palavras proferidas durante a visão, e a segunda fase envolveu escrever ou procurar testemunho posterior sobre os comentários de Ellen White após a visão do irmão Chamberlain, acrescentando o seu comentário ao final da página 2 do original manuscrito.

do irmão Chamberlain, e não apenas observa em primeira mão o que White disse mais tarde.

Contudo, o Manuscrito 5, 1849, parece diferir deste documento em alguns aspectos importantes e decisivos. Embora continue a tradição de comentários entre colchetes e parênteses que resumem ou esclarecem informações, faltam declarações de incerteza (isto é, “suponho”) e também carece de declarações de memória formalizadas, em vez disso fornece o que parece ser um comentário em primeira mão sobre as declarações de Ellen White após a visão. Comparado com o Manuscrito 6, o Manuscrito 5 parece ser muito mais fiel ao texto original de White.²³

Na verdade, não se pode ignorar a possibilidade de que a própria transcrição contida no Manuscrito 5, 1849, forneça evidência de que White supervisionou e aprovou a cópia escrita depois de sair da visão. O transcritor observa que Ellen White

²³ In fact, whereas Manuscript 6 had summarized Ellen White's repetition as “repeated many times,” Manuscript 5 quite precisely indicates the *exact* number of times that she repeats things (“4 times”). For the bulk of the manuscript, the transcriber simply records the repetition word for word. Only until the end does he begin to summarize, as if growing weary from writing down her words. This suggests not only a live transcription, but a transcriber who prized accuracy.

fez comentários²⁴ e elucidações²⁵ sobre os comentários visionários depois que ela saiu da visão. Essas notações parecem sugerir que White forneceu

24 Por exemplo, o que se segue representa dois exemplos deste fenómeno.

Depois que a luz brilhou sobre o sábado, aqueles que a receberam e a rejeitaram, não há mais esperança para eles. A condenação foi grande por quebrar os nove mandamentos. (Fora da visão ela disse: Mas quando a luz chegar ao quarto, seria maior se fosse rejeitado.) ...

Aceite-o como o homem do seu conselho, não deixe sua boca se fechar (Henry Nichols [Henry O. Nichols]). (Não foi dito na visão: Ele acredita que as promessas são para todos, menos para ele.) Glória, a rica recompensa, a rica recompensa, glória.

O que exatamente se deve entender com a frase “não em visão”? Significa isto que ela fez declarações adicionais e que se considerou que valia a pena incluí-las depois de a transcrição inicial ter sido escrita ou significa que ela comentou especificamente sobre aspectos da visão, talvez até mesmo a própria transcrição escrita? É possível que o segundo comentário sobre Henry Nichols tenha resultado de uma observação imprudente que ela fez, mas o primeiro comentário sobre o quarto mandamento parece ser um comentário direto e uma elucidação sobre o que ela disse. Como tal comentário passou a ser falado ou escrito? Como Ellen White teria referenciado esta parte de sua visão de longo prazo para adicionar comentários sobre ela e como os editores do documento saberiam onde adicionar tal comentário? O problema é que o Manuscrito 5, 1849, manuscrito, não parece mostrar sinais de ser um documento editado, mas é bastante confuso e parece mostrar sinais de ser o documento original transcrito. Ver notas de rodapé 26-33 para discussão mais aprofundada. Outra possibilidade é que Ellen White seja imaginada aqui entrando e saindo da visão, em vez de experimentar uma única visão longa e incessante. Neste caso, estes comentários não nos fornecem uma visão sobre a sua clareza no manuscrito, mas são simplesmente uma evidência de que aqueles que a observavam podiam notar a diferença entre quando ela estava num estado de transe e quando ela não estava em tal estado. Este cenário sugeriria que os parênteses que mencionam a “apocrafia” foram fornecidos devido à clareza que a própria White pode ter dado ao sair da visão (ou a um comentário de outra pessoa na sala), mesmo que não seja explicitamente declarado pelo transcritor.

25 Manuscrito 5, 1849 não inclui apenas correções ortográficas, notas sobre repetições, identificações no meados e relatórios adicionais sobre as declarações de White após a visão, mas também comentários completos sobre várias partes da transcrição. Por exemplo:

A mente está perplexa. A mente está perturbada. Separar-se (seus pais e outros).

esclarecimento sobre o que estava acontecendo nas diversas partes do manuscrito que temos, bem como clareza sobre o significado? É difícil determinar, uma vez que alguns deles (o segundo e o terceiro exemplos dados na nota de rodapé 34) podem ser explicados com base apenas em inferências do que Ellen White disse na visão, enquanto outros exemplos (o primeiro e o quarto na nota de rodapé 34) podem apontar para elaborações adicionais por parte dela, uma vez que não é de todo óbvio como estas conclusões poderiam ser alcançadas de outra forma. É possível então que, se White não supervisionou diretamente a transcrição, ela ainda assim forneceu comentários sobre a sua visão após a transcrição (ou durante ela), comentários que afetaram a forma como o manuscrito que temos agora foi escrito. Alguns desses comentários entre parênteses podem até ser citações dela, em vez de resumos do transcritor.

Na verdade, o manuscrito manuscrito traz evidências que sugerem que se trata da transcrição original realizada e não editada após os eventos ocorridos.

Do ye see those men?—1, 2, 3, 4, 5 (**pointing to angels who were waiting to write on their rolls the names of those established, and those separated from us**). Do you not see those bloody men with their weapons coming on as soon as the last name is enrolled?

They cry, they agonize. (**Who? those who were right once, then they all join with the others, the wicked.**) It's too late, too late. Every idle word put a watch before thee.

It is the youth (**here and other places**). Critical place. Satan is tempting them, if they go back, if they give up there is, will be no more hope.

incluído. Há exemplos ao longo das páginas de erros ortográficos e taquigrafias,²⁶ palavras riscadas com erros ortográficos,²⁷ palavras sublinhadas,²⁸ palavras adicionadas a cima de frases para preencher itens perdidos inicialmente,²⁹ uso inconsistente de pontuação,³⁰ e espaçamento entre linhas não padronizado.³¹ Não esperaríamos isso se este fosse um documento editado ou polido, copiando do original mais grosseiro. É o que se esperaria de uma transcrição original. Os mesmos fenômenos podem ser evidenciados no manuscrito manuscrito 6, 1849, que

²⁶ On page 1, line 21, it reads “evry” and underneath it is an arrow pointing to a floating “e” that is inserted in the middle of the word to correct it. On page 2, we read both “apochraphy” and “apocraphy.” Throughout the pages we read “th” rather than “the.” Instead of spelling out the word “commandments” sometimes the writer just writes “commandts” with three dots *** underneath “ts” to indicate a spelling mistake or shorthand, or “the nine comm*” where what appears to be a drawing of a star * indicates shorthand for commandments (page 3, line 22). Page 4 has “commts” instead of “commandments” (line 13).

²⁷ On page 2, line 22, we read “~~upon~~” and written above it the correction “upon.” On page 3, line 3, we read “~~wedel~~ would.” On page 4, line 5, the writer writes “~~Halleluia~~ Hallelujah”.

²⁸ On page 2 of the handwritten manuscript, we find on line 4 “Beware” underlined, so too on line 6 the statement “closing up closing up.” Line 23 also has “faith, faith, faith, faith, faith” underlined.

²⁹ On page 1 of the handwritten manuscript, we find at the end of line 11 “should anyth” with “ing” written above it due to a lack of space on the page. Similarly, in line 16 “must be impla” with “nted” written above it due to a lack of space on the page. On page 2, line 15 has “those who were right once, they all join” and has “then” written above and in-between “once, they.” Line 24 has “consum” and the “e” is written above it due to a lack of space. On page 3, the last line has “not in” and written above it is “vision,” due again to a lack of page space.

³⁰ Throughout the document commas are sometimes used, or interchanged with periods. Sometimes when a period is used, the word is lower case and other times when a word is followed by a comma, it is capitalized.

³¹ On page 2, one can notice how the transcriber squishes the words together toward the end. The middle of page 4 begins to squish the lines tighter together in a messy fashion, bending the shape of some of the sentences.

também evidencia essas mesmas estranhezas.³² Esta evidência, quando tomada em consideração dos outros aspectos discutidos, sugeriria que este é o documento original e não uma versão editada posteriormente.³³

No geral, embora seja verdade que a nossa compreensão da visão de setembro de 1849 é parcial devido à falta de notas da própria Ellen White (Karlman 2014, 183), encontramos mais razões para ter certeza de que a transcrição do Manuscrito

³² Manuscript 6, 1849 evidences a number of problems that suggest firsthand transcription, such as erasing or crossing out errors that should have been obvious. At the top of the handwritten document, below the title, the writer by accident starts to write "Look ye, heave" and then scribbles it out writing the words one line down, as if recognizing that they had accidentally starting writing on the wrong line. Five lines from the bottom of page 1, the transcriber writes "to be swal" and then draws a line up to the next line in order to fill in above it: "lowed up in god." This suggests that the transcriber noted the blank space above the line and filled in the missing line there, a haphazard solution that only makes sense if the writer is rushing to record the lines. The line below that shows the transcriber writing "they shall not" with an arrow pointing between "they" and "shall" with the words in parenthesis "(the wicked)". In fact, the transcriber had erased an earlier attempt to write this on the line below, apparently worried that it would confuse readers. On the same line a bit later, there is an attempt to write a parenthetical comment but it was erased for some reason (only one word was begun to be written before being scribbled out). One page 2, line 14, we read "Hide it ~~away~~ from me, take it away," suggesting that the transcriber might have heard Ellen White say the latter part when they were writing the first clause, suggesting again that this transcription was undertaken as she spoke. 3 lines below on line 17 of page 2, a word is scribbled out. Manuscript 6 also has abbreviated words like "Br" with two dots under the r. And although the transcriber begins by noting Ellen White's repetition by noting first "still repeated" (page 1, line 7), then "(repeated)" (page 1, line 13), then "(R means repeat it)" (page 1, line 15), then "(R many times)" (page 1, line 22), and finally they begin to simply note the letter next to the statements "deny self R" (page 1, line 26). Progressively, the transcriber seems to grow weary of noting her repetitions. All of this suggests not a redacted and edited handwritten copy, but the original transcription in all its rough literary characteristics.

³³ Isso sugeriria ainda que White estava potencialmente entrando e saindo de sua visão, fazendo comentários sobre o que ela estava vendo (dados os comentários sobre dizer coisas "fora da visão"). A razão para esta conclusão é o facto de estas declarações sobre dizer coisas "fora da visão" estarem posicionadas no manuscrito de tal forma que tiveram de ser escritas enquanto a transcrição estava a ser feita, e não adicionadas posteriormente (tal como a declaração de memória do irmão Chamberlain no Manuscrito 6 parece ter feito). Dada a evidência declarada anteriormente de que o Manuscrito 5 é a transcrição original manuscrita e não evidencia edição e redação posteriores, esses comentários sobre estar fora da visão devem ter ocorrido dentro da cronologia da transcrição, indicando que Ellen White estava entrando e saindo de seu estado visionário de várias maneiras, fornecendo comentários e depois voltando à visão.

5 foi de uma fidelidade ainda maior do que o outro exemplo no Manuscrito 6. Além disso, o transcritor parece dar indicações de ter testemunhado pessoalmente o comentário adicional de Ellen White após a visão, em vez de confiar em declarações de memória de outros. E talvez o mais importante, William White parece reconhecer a transcrição como um registro fiel que era conhecido por ele e sua mãe, e ao qual eles mantiveram acesso (White William, 1911).³⁴

Porém, pelo menos um pastor alertou adicionalmente que talvez “erros possam ter ocorrido na transcrição” e expressou dúvidas sobre a utilização da obra (Paulson 2022). Na verdade, a transcrição não deve ser simplesmente confiável de facto, como mostra a necessidade de emendas e correções textuais. No entanto, também não se pode presumir que não seja confiável, nem pode uma ambivalência a seu respeito fundamentar a ignorância do seu conteúdo desafiador. Em vez disso, deve-se primeiro buscar uma compreensão adequada do próprio documento e depois compará-lo com o que é conhecido pela própria pena de Ellen White para perceber se há continuidade e acordo. Mais adiante neste artigo, será realizada uma comparação cruzada com o Manuscrito 4, 1850, para fazer exatamente isso. Contudo, antes de passarmos para a visão quatro meses depois, é preciso primeiro obter uma boa compreensão das reivindicações da visão de setembro de 1849.

3. Queimado sem adulteração? Crítica ou endosso?

A visão de 1849 pode confundir os leitores no que diz respeito às suas referências ao Livro Oculto sendo queimado, bem como à descrição do texto como sendo “não adulterado”. O que exatamente esses termos significam e como eles esclarecem qual era a mensagem pretendida por Ellen White durante sua visão? Para este fim, Karlman resume estas preocupações naquele que foi o primeiro comentário publicado sobre a passagem:

A intenção das declarações relativas aos apócrifos nos três parágrafos anteriores não é clara. Qual é o significado de ser “consumido”, “queimado” e “expulso”? Constitui uma avaliação positiva dos Apócrifos – isto é, tem valor, mas foi “desprezivelmente”

³⁴ William evidences no doubts that Manuscript 4, 1850 and Manuscript 5, 1849 are faithful records of not only his mother’s words but her views and teachings.

tratado? Ou as palavras “queimado”, etc., implicam uma avaliação negativa? Ou talvez não haja intenção de fazer nenhum julgamento? (Karlman 2014, 183).

Embora Karlman presuma que todas as três opções sejam possibilidades válidas, a primeira parece mais provável, dados os registos históricos que temos e, como será explorado mais adiante, os outros comentários que ela faz sobre o tema na passagem. Na verdade, o próprio uso de “consumido” e “queimado” por Ellen White pode de fato estar se referindo ao fato de que facções do “partido anti-apócrifo” em seu próprio tempo promoveram a ideia de que as pessoas deveriam arrancar de suas Bíblias os livros apócrifos e queimá-los no fogo (Howard 1829, iv). Quando White escreveu esses comentários, não demorou muito para que a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira tomasse a decisão de 1826 de remover os apócrifos das futuras Bíblias impressas para esforços missionários (Korpman 2021, 74-93). Em 1849, o efeito desta decisão teria começado a ser sentido com Bíblias mais novas entrando em espaços mileritas e adventistas que não tinham os livros.

Como observa Graybill: “Caso os adventistas não tivessem os apócrifos em suas Bíblias, E.L.H. Chamberlain, de Middletown, Connecticut, colocou um anúncio na *Review* em 1851, oferecendo-se para vender cópias dele por 15 centavos” (Graybill 1987, 31). Isso aconteceu apenas dois anos depois da visão de 1849 e, por incrível que pareça, este era o mesmo Chamberlain do Manuscrito 6, 1849, discutido na seção anterior. Duas décadas depois, Tiago White anunciou que a Igreja Adventista imprimiria sua própria edição dos Apócrifos para aqueles cujas Bíblias mais recentes não a possuíam (White James 1869, 48). Além disso, em 1881, o *Signs of the Times* anunciou que as Bíblias ainda contendo os Apócrifos seriam oferecidas na Reunião Campal com as notas de estudo de W. C. White incluídas (Israel 1881, 432). É evidente que, até 1881, os adventistas sentiram a necessidade de combater a decisão da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e provavelmente encontraram atitudes bastante hostis por parte de outros grupos protestantes. Este contexto histórico de fanatismo anti-apócrifos pode esconder-se por detrás da sua escolha de palavras e ajudar-nos a situar melhor o contexto contemporâneo dos seus comentários. Considere o testemunho de Luke Howard, escrevendo algumas décadas antes dos comentários de White:

... a faction which has been rising in its bosom, and which threatens to be one of the most formidable that have yet afflicted the Church, publicly orders its dependents to *burn all the copies of the Apocrypha in their possession*; a proceeding, the ultimate end and tendency of which

não pode estar enganado. Caçados assim, da Igreja à biblioteca, da biblioteca ao armário, os Livros Apócrifos das Escrituras em breve deixarão de ser encontros entre nós (Howard 1829, iv–v).³⁵

Da mesma forma, William MacGavin parece aludir a essas discussões alguns anos antes, em 1827, quando menciona que havia proclamado que não doaria nenhum dinheiro com o propósito de queimar todas as cópias dos Apócrifos (MacGavin 1827, 15). Durante a controvérsia dos apócrifos, alguns notaram relatos de que os judeus em Jerusalém eram tão meticolosos com suas Bíblias que ameaçaram queimar quaisquer cópias que não fossem puras e exatas de acordo com suas especificações, um ponto que foi levantado em apoio à necessidade de remover os apócrifos das Bíblias inglesas (The Edinburgh Christian Instructor 1826, 37–38). Mesmo mais tarde, quando o vitriolo e as tentativas cessaram, a linguagem de “queimar” permaneceu ligada aos Apócrifos por algum tempo, como os comentários neutros do Arcebispo de Canterbury em 1841 que “atribuir inspiração em qualquer grau a esses escritos, acrescentaria combustível novo à chama, que, sob as circunstâncias mais favoráveis, continuará por algum tempo a queimar ferozmente” (Liddon 1893, 201). No final das contas, porém, não há registro conhecido de alguém realmente queimando cópias dos Apócrifos, portanto, independentemente de Howard estar certo ao afirmar que tal linguagem foi usada como retórica pública entre 1827 e 1829, ela pode nunca ter sido realmente promulgada.

Contudo, queimados ou não, Howard não estava errado ao dizer que os apócrifos foram ordenados pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira a serem totalmente destruídos. Como observou um escritor: “Com a adoção da restrição antiapócrifa, todas as cópias conhecidas dos apócrifos pertencentes à Sociedade foram destruídas”. Ele observa que eles foram tão “fiéis” nesse esforço que tiveram o cuidado de garantir que não vendessem cópias das folhas de papel, por medo de que elas pudessem eventualmente ser dadas a outros para leitura, e por isso “preferiram enviar o todo para uma fábrica de papel para ser transformado em polpa” (The Christian Observer, 1832, 229). Alguns chegaram ao ponto de exigir a destruição “não apenas das cópias, mas das placas estereotipadas” (Amicus 1826, 32).

Parece provável que os comentários de White encontrem naturalmente o seu contexto dentro destas circunstâncias históricas. Além disso, ela comenta que “tua palavra, uma parte dela é queimada sem adulteração”, uma alusão aos Apócrifos

³⁵ Emphasis added by me.

(esclarecido como o sujeito da declaração na cláusula seguinte), nos leva à mesma conclusão. Existem também outras possibilidades que podem ser complementares e não meramente alternativas. Por exemplo, 2 Esdras relata que todas as cópias das escrituras (tanto apócrifas quanto canônicas) foram queimadas pela Babilônia e tiveram que ser restauradas por Deus (14:21-26), então é possível que ela tenha visto uma conexão com essa imagem "bíblica". Da mesma forma, a imagem de Jeremias 36 (com a queima de partes e eventualmente de toda a carta de Jeremias) também poderia ter desempenhado um papel na razão pela qual ela descreveu o comportamento do partido antiapócrifo como satânico.

O que então isso potencialmente nos revela em relação à sua avaliação dos Apócrifos como "queimados e não adulterados"? Nas suas observações iniciais da passagem, ela afirma que a Bíblia que segura é "pura e imaculada". Ela então afirma que "a Palavra de Deus" é "pura e não adulterada". Isto confirma que ela utiliza o termo "não adulterado" para se referir à Palavra de Deus e declara que a Bíblia que ela está segurando (contendo os apócrifos dentro dela) é "imaculada".

A evidência que apoia isso é o fato de que Ellen White, ao se referir à Bíblia *with* os apócrifos como "pura e não adulterada", parece estar refutando as afirmações daqueles que estavam envolvidos na controvérsia de 1826, que muitas vezes pediam que os apócrifos fossem removidos *in order* para que a Bíblia fosse pura e não adulterada.³⁶ Assim, White parece estar afirmando que a Bíblia sem os apócrifos é "queimado".

Como tal, quando ela afirma que os Apócrifos foram "queimados sem adulteração", isto não pode ser uma declaração negativa ou uma aprovação da sua queima. Os Apócrifos não são considerados algo adulterado, nem a Bíblia *with* os Apócrifos representam uma versão contaminada ou adulterada das Escrituras. Em vez disso, a Bíblia *with*, os Apócrifos, representa uma obra não adulterada, imaculada por outros, como ela diz explicitamente. Dizer que os Apócrifos foram queimados sem adulteração é provavelmente um endosso positivo, sugerindo que, apesar das tentativas de queimá-los, tanto ela como a própria Bíblia permanecem "não adulteradas".

36 Para nós

e of "pure and unadulterated" by the 1826 controversy, see Thomson 1827, 18.

4. Tua Palavra? A relação dos apócrifos com as Escrituras

Tendo estabelecido que a evidência é mais forte de que ela descreveu a queima dos Apócrifos de uma forma que indicava a sua avaliação positiva do mesmo, e da mesma forma reconhecendo o contexto histórico contemporâneo que explica a sua imagem da queima, resta analisar como ela compara os Apócrifos com a Palavra de Deus nesta passagem. Já foi observado que ela utiliza “não adulterado” de uma forma paralela entre a Palavra de Deus e os Apócrifos, mas há mais alguma coisa que ela disse nesta passagem que lança luz sobre este paralelo?

A primeira evidência que se pode notar é o fato de que White, tendo pegado a Bíblia, afirma que “uma parte dela é consumida”. Esta declaração por si só parece reconhecer que “ela” (a Bíblia) contém os Apócrifos. Ela não trata os apócrifos como uma entidade estranha que não pertence à Bíblia, mas sim como uma entidade natural dela. Isto parece confirmado novamente quando ela afirma que “tua palavra, uma parte dela está queimada”, sugerindo novamente que a parte queimada (os Apócrifos) não é apenas *part* da Bíblia, mas a Palavra de Deus. Na verdade, entre estas duas declarações, White aborda Marion Stowell e tendo acabado de afirmar que uma parte da Bíblia “está consumida”, declara “A Palavra de Deus, tome-a... amarre-a longamente no seu coração, pura e não adulterada”.

Dado que isto é seguido pela sua declaração de que “uma parte da [tua palavra] está queimada”, e o facto de a Bíblia que ela declara ligar ao coração ter os Apócrifos dentro dela, é altamente sugestivo que White esteja de facto a ligar a Palavra de Deus, a Bíblia e os Apócrifos como uma entidade nesta visão. O antigo transcritor adventista da visão também entendeu sua referência à Palavra de Deus ao falar dos apócrifos, e é por isso que ele toma nota cuidadosa de ambas as referências entre parênteses de que a Bíblia que ela está segurando contém os apócrifos (algo que ele não fez anteriormente na transcrição, quando ela pegou a mesma Bíblia). Ele também observou no final do parágrafo, novamente entre parênteses, que ela estava falando sobre “os apócrifos”, para dar ênfase.

Poderíamos também simplesmente notar que White quase compara suas descrições da Palavra de Deus com os Apócrifos. Por exemplo, observe o seguinte paralelo nos dois parágrafos, apresentados no gráfico abaixo.

First Paragraph	Second Paragraph
<i>The Word of God</i> , take it (Marion Stowell), bind it long upon thine heart , pure and unadulterated.	<i>[The] Hidden book</i> , it is cast out. Bind it to the heart (4 times) Bind it, bind it, bind it , (laying the Bible on Oswald Stowell) let not its pages be closed, read it carefully.

No primeiro parágrafo, ela exorta os seus ouvintes a “amarrá-la” (a Bíblia) e depois, no segundo parágrafo, repete a sua ênfase em “amarrá-la”, mas desta vez, referindo-se e especificamente aos Apócrifos. Isto demonstra que o seu uso de palavras e imagens é coerente e propositalmente paralelo às duas obras, refutando a afirmação de alguns ministros na Internet de que “nenhum argumento convincente pode ser feito para ver esta declaração como um endosso dos Apócrifos como parte das Escrituras inspiradas” (Paulson 2022). Pelo contrário: o caso parece mais do que convincente. Na verdade, pode-se notar que White insiste mais em vincular os apócrifos ao coração do que quando menciona pela primeira vez a Bíblia no início da passagem.

Dada a evidência anterior e a óbvia forma paralela na qual White fala tanto da Palavra de Deus como dos Apócrifos, e o facto de ela afirmar expressamente que os Apócrifos são “uma parte da [tua Palavra]”, parece que o peso da evidência inclina-se para a conclusão de que nesta visão de 1849, White acredita que os Apócrifos e a Palavra de Deus estão ligados, e não entidades separadas. Além disso, não há nenhum indício de uma avaliação negativa do material por parte dela, nem mesmo uma distância cautelosa, mas antes um endosso total do mesmo.

5. O Plano de Satanás: Compreendendo a Advertência Final de Ellen White

Dando mais atenção ao segundo parágrafo, podemos notar que White se refere àqueles que “tratariam com desprezo aquele remanescente”, designando exclusivamente os Apócrifos por um termo caro aos Adventistas. Sua lógica ao fazer isso é sólida, já que os Apócrifos, uma coleção de cerca de sete livros, formaram um pequeno remanescente em comparação com o cânone maior das Escrituras. Além disso, dada a compreensão adventista inicial de “o remanescente” no Apocalipse como representando aqueles que foram perseguidos, os Apócrifos como uma coleção também correspondiam à descrição dada o contexto das tentativas de queimá-los e removê-los.

Ela afirma que aqueles que tratam os apócrifos com desprezo (provavelmente uma referência à decisão da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em 1826, bem como aqueles que a apoiaram) acreditam que “estão a prestar o serviço de Deus”. Ela então proclama que, na realidade, eles servem a Satanás. Ao utilizar esta linguagem a serviço dos Apócrifos, Ellen White eleva qualquer ataque contra eles como originário do próprio Satanás. Novamente, se Satanás deseja que os Apócrifos sejam removidos da Bíblia e inspira outros a fazê-lo, Ellen White está claramente indicando que ela e outros devem estar cientes desta trama sobrenatural. Isto novamente, como a evidência anterior, mostra a atitude esmagadoramente positiva que ela demonstra em relação aos Apócrifos nesta visão. E, na verdade, esta atitude ou ataque não era exclusivo de White nem incomum em sua época. Um relatório de Breslau, Áustria, alguns anos depois, e em 1854 (publicado pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira) menciona que os missionários estavam encontrando pessoas que afirmavam que “você estão fazendo o trabalho de Satanás” ao remover os apócrifos, e alguns luteranos acusaram a Sociedade de ser “o Anticristo” porque eles “tinham mutilado a Bíblia” (The British and Foreign Bible Society 1854, lvi).

Ellen White termina as suas exortações advertindo que as páginas dos Apócrifos não devem “ser fechadas” e que os Adventistas devem “lê-los cuidadosamente”. Ela chama os livros de “a verdade estreita” (uma possível referência a 2 Esdras 2:47). Ao contrário de um proeminente televangelista adventista que argumentou que “não há nenhum chamado [por parte de Ellen White] para estudar esse material” (Murray 2023), ela não apenas pede o estudo dos Apócrifos no Manuscrito 5, 1849, mas pede explicitamente que as páginas dos Apócrifos nunca sejam fechadas. Ela exorta os seus ouvintes a “amarrar” os livros apócrifos ao seu coração e depois adverte: “que tudo seja expulso”. Esta última afirmação, defendendo, é a chave para compreender tudo o que veio antes e fornece uma janela única para a mentalidade jovem do fundador visionário do Adventismo.

Conforme explorado anteriormente, o registro original deste texto faz pouco sentido dado o contexto geral da passagem e o contexto histórico reconstruído mencionado neste artigo. O ex-pastor Kevin Paulson observou sabiamente em seu blog que “Se a expulsão do ‘livro escondido’ é condenada por Deus, por que ela continua dizendo, ‘que tudo seja expulso’?” (Paulson 2022). Isto claramente não faz sentido. Não só faz pouco sentido para Ellen White condenar os Apócrifos, mas mesmo removendo os Apócrifos como uma consideração particular, a declaração específica “tudo”, *not* especificamente “o Livro Oculto”. Claramente, não faz muito sentido que Ellen White também afir-

que toda a Bíblia deveria ser expulsa! E, no entanto, em certo sentido, é isso que concluiríamos ao ler que “tudo” deveria ser expulso.

No entanto, esta confusão não é necessária e parece facilmente corrigida. Ao corrigir “let” para “le[s]t”, uma emenda proposta pela primeira vez por mim em 2020 (Korpmann 2020b, 122),³⁷ e seguida por Donald Casebolt em 2022 (Casebolt 2022, 201)³⁸, tornou-se possível obter clareza sobre o significado pretendido. Com esta mudança, a de clareação final corresponde ao teor e à mensagem geral do resto da passagem visionária.

A referência a “expulso” é usada duas vezes, primeiro para afirmar que o “Livro Oculto” foi expulso (ou seja, os Apócrifos foram removidos) e segundo para afirmar que, a menos que os Apócrifos estejam ligados ao coração, “tudo [será] expulso”. Desejo sugerir que a referência de White a “tudo” é uma designação para a Bíblia. Isso parece dar mais sentido à passagem. O que ela afirma então é que expulsar uma parte da Bíblia (os Apócrifos formavam uma secção intermédia das Bíblias familiares) levaria à rejeição de outras porções da Bíblia. Ela está implorando àqueles ao seu redor que não caiam no engano de Satanás e que se apeguem à Bíblia inteira como a têm, para que não apenas os apócrifos desapareçam, mas potencialmente também outros livros.

Esta ideia parece estar relacionada com outra crença notável dela, mais tarde na sua vida: a de que ninguém pode decidir o que é inspirado e o que não pertence à Bíblia (uma ideia que ela explora largamente em relação aos debates sobre a ciência). Ela escreve que: “Eu teria ambos os braços retirados dos ombros antes de fazer uma declaração ou julgar a Palavra de Deus sobre o que é inspirado e o que não é inspirado.” Novamente, ela enfatiza que: “Eu tomo a Bíblia tal como ela é, como a Palavra Inspirada. Acredito em suas declarações em um *entire Bible*” (White 1888d).³⁹ Essa Bíblia, é claro, na época, incluía os Apócrifos. Em outro lugar ela escreve que “Nenhuma parte da Bíblia morreu de velhice. *All the past history of the people of God is to be studied por nós hoje, para que possamos nos beneficiar das experiências registradas*” (White 1897).⁴⁰ Alguns outros de seus comentários, reproduzidos na íntegra, são ilustrativos desse pensamento.

³⁷ I did not offer a defense for the emendation in my 2020 article.

³⁸ Casebolt does not offer a defense for following my emendation in his 2022 book.

³⁹ Emphasis my own.

⁴⁰ Emphasis my own.

[Deus] não... qualificou nenhum homem finito... [ou] inspirou um homem ou qualquer classe de homens a pronunciar julgamento sobre aquilo que é inspirado ou não. Quando os homens, em seu julgamento finito, acham necessário examinar as Escrituras para definir o que é inspirado e o que não é, eles se colocaram diante de Jesus para mostrar-lhe um caminho melhor do que aquele que Ele nos guiou (White 1888d).

Devemos nos apegar às nossas Bíblias. Se Satanás puder fazer você acreditar que há coisas na palavra de Deus que não são inspiradas, ele estará então preparado para enredar a sua alma. Não teremos nenhuma garantia, nenhuma certeza, no exato momento em que precisarmos saber o que é a verdade... Portanto, que ninguém considere a questão de saber se esta ou aquela porção da palavra de Deus é inspirada (White 1888a, 787).

Pedimos que você pegue sua Bíblia, mas não coloque uma mão sacrílega sobre ela e diga: "Isso não é inspirado", simplesmente porque alguém disse isso. Nem um jota ou til deve ser tirado dessa Palavra. Tirem as mãos, irmãos! Não o toque na arca. Não coloque a mão sobre isso, mas deixe Deus agir (1888b).

Com base nestas citações posteriores (assumindo que também representavam o seu ponto de vista teológico anterior), parece que isto significaria que ela via a difamação dos Apócrifos como sendo "não inspirados", como uma difamação das Escrituras e da própria inspiração. Assim, de acordo com o seu pensamento teológico, conforme descrito no Manuscrito 5, 1849, se os Apócrifos fizessem parte da Palavra de Deus (a Bíblia) e fossem considerados não inspirados, o que impediria o livro de Daniel de ser o próximo? A este respeito, o testemunho contemporâneo de Luke Howard lança luz. Depois de discutir o desejo zeloso de queimar cópias dos Apócrifos e destruí-los da Bíblia, ele considera as consequências destas ações:

O que aconteceria, pergunto novamente, no que diz respeito às Sagradas Escrituras em geral, se esta facção obtivesse a ascendência? Há matéria suficiente para começar a perseguição adicional, naquilo que eles professam receber em toda a sua extensão como *the word of God*; suficiente, o que pode ser rejeitado com base nos mesmos princípios que (como dizem) decidiram a sua

conduta em relação aos apócrifos... assim julgada, como imprópria para a leitura de muitos e desnecessária para o estudo de poucos; até que uma parte considerável da Bíblia tenha sido condenada ao esquecimento, se não à destruição total. (Howard 1829, iv–v).⁴¹

É possível que White estivesse ciente do ponto de vista de Howard, publicado em 1829, e que isso informasse o seu pensamento. Alternativamente, é simplesmente possível que a visão de Howard tenha sido amplamente compartilhada por muitos nesta época e White tenha ouvido falar dela por outros. Ou, alternativamente, sua visão por acaso refletia a de Howard. Qualquer que seja o caso histórico, ambos lançam luz sobre a compreensão mútua da ameaça que o “partido antiapócrifo” parecia representar para as Escrituras como um todo. As referências de Howard à queima dos Apócrifos são particularmente úteis para lançar luz sobre as próprias referências de White ao mesmo fenómeno. A utilização desses insights indica que, para White, parece que ela presumiu em 1849 que o cânon das Escrituras era tudo o que havia sido retido em sua Bíblia King James até aquele ponto. Os Apócrifos, simplesmente, não poderiam ser considerados não inspirados porque qualquer remoção deles seria, em última análise, uma ameaça às Escrituras como um todo.

6. Ellen White em 1850: Encontrando Continuidade

A importância do estudo anterior não se limita apenas a uma melhor compreensão dos comentários de Ellen White no final de 1849, mas também é útil para revelar maior luz sobre o que ela quis dizer nos seus comentários mais conhecidos da sua visão em 1850. Para esse fim, eles são reproduzidos abaixo dentro do contexto de toda a sua mensagem.

Vi então a Palavra de Deus pura e não adulterada, e que devemos responder pela maneira como recebemos a verdade proclamada por essa Palavra. Vi que e tinha sido um martelo para quebrar o coração duro em pedaços, e um fogo para consumir a escória e o estanho, para que o coração pudesse ser puro e santo. *I saw that the Apocrypha was the hidden book, and that the wise of these last days should understand it.* Vi que a Bíblia era o livro padrão, que nos julgará no último dia. (Branco 1850).

⁴¹ Emphasis added by me.

Como Karlman observa: “O significado desta declaração obscura, mas fascinante sobre os apócrifos ocasionou uma discussão considerável, principalmente sobre que status ela poderia conceder aos apócrifos” (Karlman 2014, 195). As duas visões estão intimamente relacionadas, especialmente na proximidade da data. Enquanto o Manuscrito 5 de 1849 foi escrito em setembro, o Manuscrito 4 de 1850 foi escrito quatro meses depois, em janeiro. É importante notar que a visão de 1850 parece basear-se em parte da mesma linguagem da visão transcrita alguns meses antes. Compreender isto dá-nos a capacidade de interpretar as suas observações em 1850 através do que ela disse meses antes, em 1849.

Novamente, sem essa visão anterior, pode ser possível interpretar mal os comentários acima.⁴² Por exemplo, tomemos a interpretação de um site adventista leigo de que se tratava de “UM AVISO CONTRA, e não uma recomendação, para os apócrifos” (Ulrike 2002).⁴³ Ou tomemos a afirmação de Kevin Paulson em um site conservador diferente que:

Esta declaração é única em todos os escritos de Ellen White... Certamente a declaração acima não reivindica inspiração para os Apócrifos, apenas que “os sábios destes últimos dias deveriam entendê-los”. Além disso, a declaração acima distingue os Apócrifos, que são chamados de “livro oculto”, da Bíblia, sendo este último chamado de “livro padrão que nos julgará no último dia”. Os Apócrifos, por outro lado, não são declarados como o livro que servirá de base para o julgamento final (Paulson 2022).

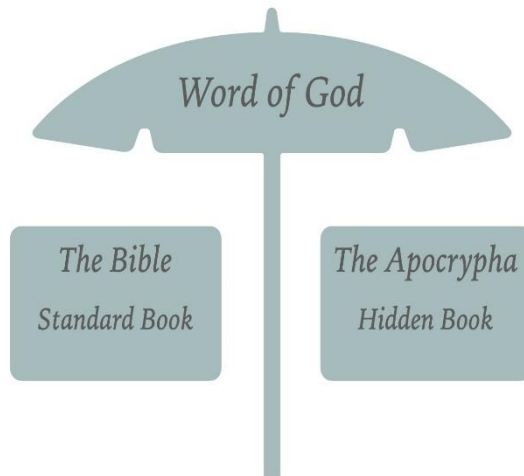
Contrariamente a tais afirmações imaginativas, o contexto histórico proporciona melhores insights. Por exemplo, embora “puro e não adulterado” fosse o grito de guerra dos movimentos anti-apócrifos e normalmente se referisse a uma Bíblia *without*

⁴² Karlman wrote that, with regard to the 1849 vision: “since... Ellen White never wrote out an account of this vision, our understanding of it remains partial.” Karlman, Ellen G. White, Letters and Manuscripts, 181. Karlman’s point though is not quite accurate, since the comment in January 1850 appears, using the same language, to be reflecting perhaps on that very same earlier vision (or another which repeated similar content).

⁴³ Unruh’s website has since been removed in 2024 but was for around two decades always listed in the top results of Google searches for the topic and although published prior to Fortin’s, Casebolt’s, or my own studies, and apparently unaware of Graybill’s, continued to influence lay Adventists on this issue during the time it was active.

the Apocrypha, a visão de White de 1849 nos esclarece que ela usou propositalmente a mesma frase para se referir à Bíblia *with the Apocrypha*. Isso indica novamente que quando ela descreve a Palavra de Deus nesta visão de 1850 como “pura e não adulterada” (exatamente a mesma frase), ela está se referindo à Bíblia King James *entire* (apócrifos e tudo), assim como fez na visão anterior de 1849. Ela parece estar conversando diretamente com seus contemporâneos da época, endossando a visão oposta que aqueles que eram contra os apócrifos faziam com os mesmos slogans.

Compreender isto é esclarecedor, pois torna-se possível perceber que para White, na sua declaração de 1850, a “Palavra de Deus” é apresentada como um guarda-chuva sob o qual *both* o Livro Oculto (Apócrifos) e o Livro Padrão (Bíblia) são apresentados como residindo abaixo. Embora de fato faça uma distinção entre a Bíblia e os Apócrifos, Ellen White os está unindo (como ela já fez explicitamente no início de 1849) sob a égide da inspiração.⁴⁴



⁴⁴ This nuances Graybill's optimistic assertion that Ellen White's 1850 comment "encouraged an understanding of the Apocrypha, while preserving the canonical scriptures as the standard." Graybill 1987, 31.

Deve ser lembrado novamente que esta não é uma teoria bizarra (apesar de quão in comum pareça), mas sim a explicação mais natural e historicamente fundamentada. O Manuscrito 5, 1849, como já demonstrado, afirma explicitamente (sem necessidade de emendas textuais) que o Livro Oculto é parte da Palavra de Deus e o compara com as Escrituras. Portanto, a menos que alguém esteja disposto a rejeitar o testemunho de este documento (sem qualquer base aparente), então o segundo comentário visionário em 1850, feito apenas quatro meses depois, levaria muito naturalmente à suposição de que os dois livros mencionados (Padrão e Oculto) fazem parte da Palavra de Deus mencionada logo antes.

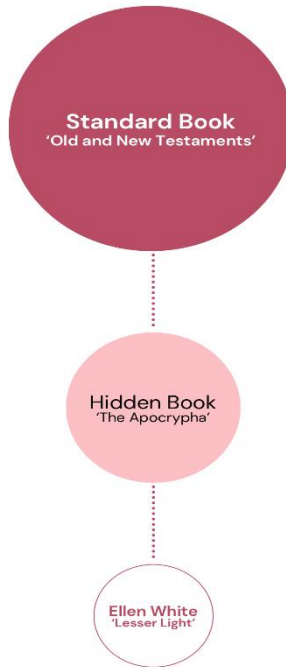
Se alguém não quiser descartar a validade do Manuscrito 5, 1849 (algo que nem o Patrimônio White nem qualquer outro estudioso adventista fez), e ainda assim não de sejar abraçar esta interpretação, então terá que explicar como Ellen White mudou suas opiniões (declaradas em visão) em quatro meses, e ainda assim não evidenciou nenhuma refutação delas em seu segundo comentário. Tal explicação seria provavelmente muito pouco convincente em comparação com a suposição simples e direta de que o Manuscrito 4, 1850, reflete a redação do Manuscrito 5, 1849, porque esclarece e continua a construir na mesma direção enquanto trabalha com as mesmas suposições anteriores.

Continuando com a interpretação aqui oferecida, e refletindo sobre ambos os endossos visionários dos Apócrifos, torna-se evidente que Ellen White era incomum em seus pontos de vista. Pois embora fosse comum os protestantes falarem da Bíblia como contendo a Palavra segura de Deus e os Apócrifos (duvidosos e incertos) (Korpman 20 21, 74-93). White fala da Palavra de Deus contendo a Bíblia (livros canônicos) e os Apócrifos (livros ocultos). Em vez de ver os Apócrifos como duvidosos, ela parece interpretar o nome literalmente pelo que significa (oculto) e assume que carrega algum tipo de significado especial. Em outras palavras, Ellen White aceita os Apócrifos com a suposição de que seu nome significa um *role* especial que deve servir para a igreja, um papel que “os sábios destes últimos dias deveriam compreender”.

No entanto, este também é *distinguishes* o Livro Oculto do Livro Padrão para ela. Embora o Livro Padrão (a Bíblia) desempenhe o papel de “julgar-nos no último dia”, conferindo-lhe importância salvífica, o Livro Oculto não é afirmado por ela como nada além de um acréscimo útil para aqueles que são “sábios”. Isto significa que o conhecimento dos Apócrifos, embora benéfico e aparentemente considerado inspirado, não desempenha o mesmo papel nem mantém a mesma importância que o próprio corpo das Escrituras. É, claramente, *not* salvífico. É, em suma, um

adição opcional: um *deuterocanon*, por assim dizer (no sentido dos ortodoxos orientais que criam uma hierarquia dentro de seu cânone).

Isso não refletiria diretamente sua própria compreensão de seu papel como a luz menor, pois ela trata alguns livros apócrifos como tendo mais autoridade do que ela mesma, mas parece relacionado em espírito.⁴⁵ A julgar pela forma como ela parece tratar a visão de William Foy durante este período de tempo e a deferência que ela dá ao livro apócrifo de 2 Esdras, parece provável que se alguém imaginasse uma série descendente de três círculos, cada um representando o nível de autoridade que algo carregava, White apareceria localizar-se (e Foy) no terceiro e inferior círculo, com o Livro Oculto e o Livro Padrão ocupando os dois círculos de autoridade superior.⁴⁶



⁴⁵ For a full study of how Ellen White treats the authority of the book of 2 Esdras as compared with the authority of a Millerite prophet like William Foy (and also herself), see the analysis presented in Korpman 2023.

⁴⁶ Ibid. White appears to treat 2 Esdras as having the authority of the rest of Scripture, whereas she views Foy in a lesser capacity, though still inspired.

Alguns podem ficar surpresos ao imaginar que Ellen White considerava os Apócrifos como sendo de autoridade superior à dela, mas dados os comentários contidos no Manuscrito 5, 1849, isto não deveria ser verdadeiramente surpreendente. Ellen White sempre afirmou verbalmente que sua obra não pode substituir a Bíblia. Ela exortou os adventistas: “Não repitam o que eu disse... Descubram o que o Senhor Deus de Israel diz” (White 1901) e advertiu que “o Espírito não foi dado – nem poderá ser concedido – para substituir a Bíblia” (White 1888c). Ela deixou claro que “somente a Bíblia é no ssa regra de fé” (White 1900, 32). Como ela identificou o Livro Oculto como parte da Palavra de Deus, ela também o colocou acima de sua própria autoridade, que está abaixo de qualquer coisa que faça parte da Palavra de Deus.

A evidência disso parece ser confirmada pelo fato de que, embora haja evidências de Ellen White contradizendo e corrigindo livros pseudoepigráficos fora de sua Bíblia King James (livros como *Jasher*), (Korpman 2022a, 107-130), bem como os apócrifos do Novo Testamento (livros como o *Acts of Paul and Thecla*), (Korpman 2024a), ela não é conhecida por ter contradito diretamente um dos livros do Apócrifos como existiam na Bíblia de sua família. Na verdade, como mostrado em outros estudos, Ellen White continuou a citar e aludir a essas obras até sua morte, até mesmo reproduzindo algumas de suas histórias (Korpman 2020b, 109-146; 2020a, 30-33). Ao longo deste processo, evidencia-se uma consideração cuidadosa por parte dela pelo seu conteúdo e é difícil identificar divergências entre ela e eles que indiquem que ela se sentiu livre para desafiar diretamente o seu conteúdo. Tomadas em conjunto, as evidências sugerem que ela tratou os apócrifos do Antigo Testamento de uma maneira distinta e diferente de outras obras apócrifas/pseudepigráficas que estavam fora de sua própria Bíblia.

7. Conclusão

Em julho de 2024, uma carta de William White (filho de Ellen White) chamou a atenção de pesquisadores adventistas que a encontraram nos arquivos digitalizados do White Estate. Datada de maio de 1911, a carta endereçada a Guy Dail parece confirmar, em parte, os resultados deste estudo, observando que: “Em alguns dos antigos escritos da Mãe, ela fala dos Apócrifos e diz que partes deles foram inspiradas” (W. White 1911). Esta admissão, escrita durante os últimos anos de ministério de Ellen White, pela única pessoa que a conhecia melhor, confirma que as suas primeiras opiniões sobre os apócrifos os consideravam inspirados. Quando ela afirma que os Apócrifos fazem parte da “Palavra de Deus” no Manuscrito 5, 1849, ela quis dizer exatamente isso.

Por mais informações que este estudo geral nos forneça sobre os pontos de vista de White, deve ser lembrado que ele o faz apenas especificamente em relação ao seu ministério *early*. Com base no testemunho explícito de uma transcrição da visão inicial de Ellen White em setembro de 1849, podemos dizer que no início de sua jornada com os primeiros adventistas, White abraçou e promoveu os apócrifos aos primeiros crentes adventistas como sendo conectados e parte da Palavra de Deus, mas ela parece ter distinguido quatro meses depois, em janeiro de 1850, que o Livro Oculto era distinto e m propósito da Bíblia propriamente dita e que apenas este último importava para a salvação. Este artigo apenas explicou o contexto histórico das afirmações já contidas nestes dois documentos visionários, esperando fornecer clareza sobre como elas se encaixam com o que mais sabemos sobre os pontos de vista de Ellen White.

No entanto, mais uma vez, deve ser advertido que isto apenas lança luz sobre o que Ellen White acreditou entre setembro de 1849 e janeiro de 1850, mas não resolve nada sobre os seus pontos de vista depois disso. Embora saibamos que Ellen White continuou a citar e aludir aos Apócrifos pós-1850, não sabemos ao certo se esta mesma construção teológica inicial permaneceu ativa para ela nos seus últimos anos (embora a carta de William White de 1911 não pareça evidenciar o conhecimento de uma mudança substantiva no pensamento de Ellen White sobre a questão). No entanto, é claro, a evidência sobre o uso destas obras por White após 1850 sugere uma importância contínua para elas na sua teologia. Como Denis Fortin resumiu o estado atual dos estudos adventistas sobre o assunto, há "evidências óbvias de que os apócrifos eram conhecidos por ela e que ela os usou. E ela os usou com certa autoridade, assim como fez com as Escrituras, quase como parte das Escrituras" (Fortin 2021).

Ao levar esses insights em consideração, isso também nos permite entender melhor que a inclusão de referências de "escrituras" aos apócrifos fornecidas na reimpressão *A Word to the Little Flock* (impressa entre essas datas), provavelmente teria recebido a aprovação de Ellen White na época e que, além disso, sua designação por Tiago White como "escritura" foi uma designação aprovada e compartilhada por ela também conceitualmente. Como observa Donald Casebolt, tanto a visão de 1849 quanto de 1850 indicam que "Ellen White endossou fortemente os Apócrifos" e, além disso, "ela pensava que 2 Esdras era 'A Palavra de Deus', parte do 'livro oculto' reservado para os 'sábios' dos últimos dias" (Casebolt 2022, 201).

Claro, deve ser lembrado que este artigo é simplesmente um estudo histórico do ponto de vista de Ellen White sobre os Apócrifos entre 1849 e 1850 e não revela se algum hoje deveria endossar ou abraçar esses pontos de vista (nem estabelece quando ou se ela mudou de idéia sobre esta questão mais tarde na vida). Embora o reconhecimento de que White endossou os Apócrifos enquanto esteve em visão duas vezes certamente terá implicações para a teologia Adventista do Sétimo Dia, essas considerações e o que fazer a respeito estão além do escopo deste artigo. Deve-se lembrar que grande parte do protestantismo primitivo aceitou vários livros dos apócrifos como escrituras inspiradas, com João Calvino aceitando Baruque e Martinho Lutero, notavelmente abraçando 1 Macabeus como canônico e expressando sua crença de que Tobias e Judite podem ter um lugar dentro do cânone protestante (Korpman 2021, 74-93). Assim, os pontos de vista de Ellen White não estão muito distantes dos primeiros reformadores protestantes.

Embora eu acredite que isso seja facilmente aparente, este estudo trabalhou com certos pressupostos e suposições para orientar sua agenda de pesquisa. Primeiro, presumi que Ellen White é coerente e que seus pontos de vista se basearam ou não desconsideraram arbitrariamente crenças anteriores. A minha única razão para assumir o contrário teria sido se houvesse provas directas que sugerissem o contrário. Em segundo lugar, evitei presumir que Ellen White apenas refletiu o que outros ao seu redor no início do Adventismo acreditavam e concentrei-me apenas numa leitura atenta de suas palavras e de seu contexto histórico. Isto permitiu que a sua própria voz e pensamentos chegassem à nossa atenção como únicos entre os adventistas sabatistas. Terceiro, evitei refletir sobre a aplicação teológica do seu trabalho ou a questão da sua continuidade de crenças pós-1850, concentrando-me simplesmente na reconstrução histórica das suas crenças durante um determinado período de tempo no início do seu ministério.

Concluindo, devemos lembrar que a jovem Ellen White ainda defendia o típico cânon protestante das Escrituras como o de maior autoridade, na melhor das hipóteses dando aos apócrifos um nível de autoridade inspirado, mas secundário. Seria razoável concluir que, para ela, os apócrifos funcionavam de maneira paralela à forma como o *deuterocanon* funciona para os cristãos ortodoxos orientais: escrituras inspiradas, mas secundárias em autoridade em relação ao cânone primário. A Bíblia continuou sendo o “Livro Padrão” que julgaria a salvação. O Livro Oculto permaneceu subserviente a ele. A Bíblia era necessária para a compreensão de Deus, mas os Apócrifos eram um complemento valioso (mas opcional) para aqueles que eram sábios. Independentemente de como suas opiniões possam ou não ter mudado

nas décadas seguintes, esta distinção será útil para qualquer adventista interessado em estudar estas obras intertestamentárias.

Lista de Referência

Equipe de Notícias da Adventist Today. "Materiais brancos não publicados lançados na web." *Adventist Today*, 21 de julho de 2015. Online: <https://atoday.org/unpublished-White-materials-released-on-the-web> (acessado em 26 de dezembro de 2023). Amigo. *Letters in Defense of the British and Foreign Bible Society, Addressed to A Friend in the Country. Letter Second*. Edimburgo: W. Wilson and Co., 1826.

Casebolt, Donald E. "Não me foi ensinado por homens: Ellen White e 2 Esdras." *Spectrum* 46.1, 2018, 66–73. Casebolt, Donald Edward. *Father Miller's Daughter: Ellen Harmon White*. Eugene, OR: Wipf e Stock, 2022. Dixon, Peter. "S3:E15 – Ellen amou os apócrifos!?" *YouTube* (Novembro. 4 de outubro de 2021). On-line: <https://www.youtube.com/watch?v=qyEUKlxRK5s> (acessado em 26 de dezembro de 2023). Fortin, Denis. Conforme citado no podcast de Peter Dixon. Peter Dixon, "S3:E15 - Ellen ADOROU os Apócrifos!?" *YouTube* (Novembro. 4 de fevereiro de 2021). On-line: <https://www.youtube.com/watch?v=qyEUKlxRK5s> (acessado em 26 de dezembro de 2023). Fortin, Denis. "O uso dos apócrifos por Ellen G. White." Denis Fortin e Jerry Moon, editores. *The Ellen G. White Encyclopedia*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing, 2013, 605 a 606. FORTÍN, Dennis. "Sessenta e seis livros ou oitenta e um? Ellen White recomendou os apócrifos?" *Adventist Review*, 179.13, 2002, 9–12. Gonzales, Cristian S. "Preparando um Pueblo Para El Tiempo de Angustia." *Estrategias para el Cumplimiento de la Misión* 19.1, 2021, 45–69. GOUVEIA, Cid. "O discipulado nos escritos de Ellen White." Dissertação, Universidad Peruana Unión, 2019. Graybill, Ron, e Korpman, Matthew. Conforme citado no podcast de Peter Dixon. Peter Dixon, "S3:E15 - Ellen ADOROU os Apócrifos!?" *YouTube* (Novembro. 4 de fevereiro de 2021). Online: <https://www.youtube.com/watch?v=qyEUKlxRK5s> (acessado em 26 de dezembro de 2023). Graybill, Ron, para Ron Jolliffe, 4 de dezembro de 1984, pasta Apocryphal Books, arquivo 10, Heritage Room, La Sierra University Library.

Graybill, Ronald. Sob a Águia Tríplice: Uso Adventista dos Apócrifos." *Adventist Heritage* 12, inverno de 1987, 25 a 32. Howard, Lucas. *The Apocrypha of the Book of Daniel*. Londres: J. e A. Arch, 1829. Israel, MC "Bíblia de família." *Signs of the Times* 7.36, 1881, 432. Karlman, Roland. *The Ellen G. White Letters and Manuscripts*, vol. 1. Maryland: Review & Herald, 2014. Korpman, Matthew J. "O Livro Oculto do Adventismo: Uma Breve História dos Apócrifos." *Spectrum* 46.1, 2018, 56–65. Korpman, Matthew J. "Antíoco Epifânio e em 1919: Ellen White, Daniel e os Livros dos Macabeus." *Adventist Today* 28.2, primavera de 2020a, 30–33. Korpman, Matthew J. "Ellen White e as Pseudepígrafas: Jasher, Enoque e o Amálgama do Homem e da Besta." *Spes Christiana* 33.2, 2022a, 107–130. Korpman, Matthew J. "Endossando a Septuaginta: Ellen White e suas visões posteriores dos apócrifos." *Academia Letters*, 2022b, 1–7. Korpman, Matthew J. "Contos fictícios ou tesouros históricos? Ellen White e os Apócrifos *Acts of Paul and Thecla*." *Spes Christiana* 35, 2024a, 221–244. Korpman, Matthew J. "Escrituras Esquecidas: Alusões e Citações dos Apócrifos de Ellen White." *Spes Christiana* 31.2, 2020b, 109–146. Korpman, Matthew J. "Pagãos Inspirados? Ellen White e os Oráculos Sibilinos Apócrifos." *Adventist Today* 32.2, 2024b, 20–23. Korpman, Matthew J. "Os apócrifos são inspirados? Uma Carta Esclarecedora do Filho de Ellen White." *AdventistToday.org* (24 de julho de 2024c). On-line: <https://adventisttoday.org/is-the-apocrypha-inspired-an-enlightening-letter-from-ellen-whites-son> (acessado em 25 de julho de 2024). Korpman, Matthew J. "Os Apócrifos Tem' Luz para o Remanescente': Descobrimos uma Declaração Perdida de Ellen White?" *Adventist Today* 33.1, 2025a, 25–37. Korpman, Matthew J. "A Visão Esquecida de 1845: Redescobrimo a Mensagem de Ellen White sobre os Apócrifos." *Spectrum* 53.2, 2025b. Korpman, Matthew J. "A recepção protestante dos apócrifos." *The*

Oxford Handbook of the Apocrypha, ed. Gerbern Oegema. Nova York, NY: Oxford University Press, 2021, 74–93.

Korpman, Matthew J. William Foy e os Apócrifos: Demonstrando a Crença Primitiva de Ellen White na Autoridade de 2 Esdras." *Spectrum* 51.2, 2023, 12–17. Liddon, Henry Parry. *Life of Edward Bouverie Pusey*, vol. 2. Londres: Longmans, Green, and Co., 1893. MacGavin, William. *A Third Letter to the Rev. Patrick MacFarlin*. Glasgow: Maurice Ogle, 1827. Morgan, Kevin L. "Notas sobre 'Ellen G. White e os historiadores protestantes'." *Academia.edu* (artigo não publicado, 2023), 27. https://www.academia.edu/98617370/Notes_on_Ellen_G_White_and_the_Protestant_Historians_by_Donald_R_McAdams (acessado em 26 de dezembro de 2023). Murray, CA. "Apócrifos confiáveis? Eu gostaria de saber. *Secrets Unsealed* (17 de maio de 2023). Carimbos de hora: 16h19 a 16h22. <https://www.youtube.com/watch?v=wjiQpXoCRYy>. Paulson, Kevin. "Ellen White, Escrituras e os Apócrifos." *ADVindicate.com* (20 de maio de 2022). <http://advindicate.com/articles/2021/9/2/justification-and-perfection-aem-bc-l9bng-h3pls-8wb32-te4k3> (acessado em 9 de dezembro de 2022). Poirier, Tim. "O fim de um sinal ou um sinal do fim?" *Adventist Review* 185.30, 2008, 18–21. "Revisão da controvérsia dos apócrifos." *The Edinburgh Christian Instructor*, 1826, 37–38. "A questão da sociedade bíblica." *The Christian Observer*, vol. 32. Londres: Ellerton e Henderson, 1832, 141 a 190. *The Fiftieth Report of the British and Foreign Bible Society*. Londres: Richard Clay, 1854. Thomson, Andrew. *A Letter to the Editor of the Christian Observer, On His Treatment of the Edinburgh Bible Society, and the Bible Society and Apocrypha Controversy*. Edimburgo: William Whyte & Co., 1827. Timm, Alberto R. "O bode expiatório nos escritos de Ellen G. White." *Ministry* 85.10, 2013, 10–12. Turner, Laurence A. "'Deus operou maravilhosamente por Seu povo penitente': Ellen White e a Ester apócrifa." *Spes Christiana* 34.1, 2023, 117–142.

Certo, Ulrike. "Ellen White e os Apócrifos." Verdades Bíblicas Adventistas (c. 2002?) . <http://dedication.www3.50megs.com/apocrypha.html> (acessado em 2023). White, Ellen, para Peter Wessels, Carta 117, 1897. White, Ellen. "Uma cópia da visão de EG White, que ela teve em Oswego, NY, 26 de janeiro de 1850." Manuscrito 4, 1850. White, Ellen. "Oração de David." *Review & Herald* 65, 1888a, 785–787. Branco, Ellen. "Observações em Visão." Manuscrito 5, 1849. White, Ellen. "Sermão de EG White." Manuscrito 13, 1888b. Branco, Ellen. "Falar/ 'Prefiro não falar hoje...'" Manuscrito 43, 1901. White, Ellen. *Testimonies on Sabbath-School Work*. Washington, DC: Review and Herald, 1900. White, Ellen. *The Great Controversy*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1888c. Branco, Ellen. "O livro guia." Manuscrito 16, 1888d. Branco, Tiago. *Review and Herald* 33.6, 1869, 48. White, William, para Guy Dail, carta datada de 21 de maio de 1911.

Zusammenfassung

As referências de Ellen White abrangem o “Livro Verborgene” e o Apócrifo t em um interesse histórico adventista gerado. Mit der Veröffentlichung eines neuen Documents im Jahr 2014 (Manuskript 5, 1849), aus dem hervorgeht, dass White das „verborgene Buch“ nicht nur empfohlen, sondern es auch als „dein Wort“ e „das Wort Gottes“ bezeichnet hat, ist die Notwendigkeit entstanden, ihre frühen Äußerungen zu klären. Dies ist zusätzlich durch die Tatsache erschwert, dass das Document selbst mit Rechtschreibfehlern gespickt ist. Neste artigo, versuche ich, eine Textrekonstruktion der beiden Passagen über die Apokryphen vorzunehmen, wobei ich zusätzlich zu den vom White Estate bereits vorgenommenen Änderungen weitere Ergänzungen vorschlage. Dabei nehme ich auch eine genaue Analyse des Works vor und untersuche den historischen Hintergrund ihrer Äußerungen über die „Verbrennung“ und „Vertreibung“ der Apokryphen, insbesondere in Bezug auf the British and Foreign Bible Society und ihre Anhänger, die die Zerstörung und einigen Berichten zufolge sogar die Verbrennung der Apokryphen forderten. Es wird argumentiert, dass Ellen Whites letzte Aussage in diesen beiden Absätzen am besten so zu verstehen ist, dass sie warnte, dass jeder Versuch, die Apokryphen zu entfernen, schließlich zur Zerstörung des gesamten Kanons der Heiligen Schrift führen würde, was ein Licht auf ihre spätere Warnung im Manuskript 4 von 1850 wirft.

Retomar

Os comentários de Ellen White sobre o “Livro Oculto” (o Livre cache) ou os Apócrifos suscitaram um croissant de interesse entre os historiadores adventistas. Com a publicação de um novo documento em 2014 (manuscrito 5, 1849) que foi revelado que Ellen White não só recomendou “o Livro Oculto”, mas l’avait se referiu a “ta papel” e “la parole de Dieu”, un besoin a été créé d’une explication de ces remarques précédentes. Isso foi uma vantagem devido ao fato de que o documento está cheio de falhas ortográficas. Neste artigo, pretendo fornecer uma reconstrução textual de duas passagens referentes aos Apócrifos, propondo correções em complemento às células que o White Estate deixou de lado. Por conseguinte, eu proponho também uma análise adequada do manuscrito 5, explorando o contexto histórico de seus comentários sobre as sequeles dos Apócrifos que foram brûlés e repudiados, especialmente a «Société Biblique Britannica e Etrangère» e seus soutiens que foram exigidos, qu’ils soient détruits et selon certos relacionamentos, même brûlés. Ao argumentar que a declaração final dos dois parágrafos de Ellen White é melhor composta como ayant averti que cada tentativa de retirar os Apócrifos aboutirait finalement au rejet du canon biblique entier, en faisant la lumière sur son aversissement ultérieur dans le manuscrit 4, 1850.

Matthew J. Korpman, M.A.R. (Yale University’s Divinity School), is an adjunct professor at La Sierra University and is pursuing his Ph.D. in New Testament at the University of Birmingham, UK. E-mail: mkorpman@lasierra.edu